

victor décio gerhard

instituto de arte contemporânea

petite
galerie

praça gal. osório, 53

17 de julho

1967 às 21 hs

Victor Décio Gerhard fez colagens, e foi com elas que obteve, em 65, o prêmio Air France, que lhe permitiu viajar à Europa, onde viu importantes exposições, como a de Segui, e que, também, revelou seu nome à crítica. Recentemente começou a pintar, e os trabalhos que mostrou no último Salão Nacional de Arte Moderna, me parecem interessantes. Ele faz gravuras em madeira.

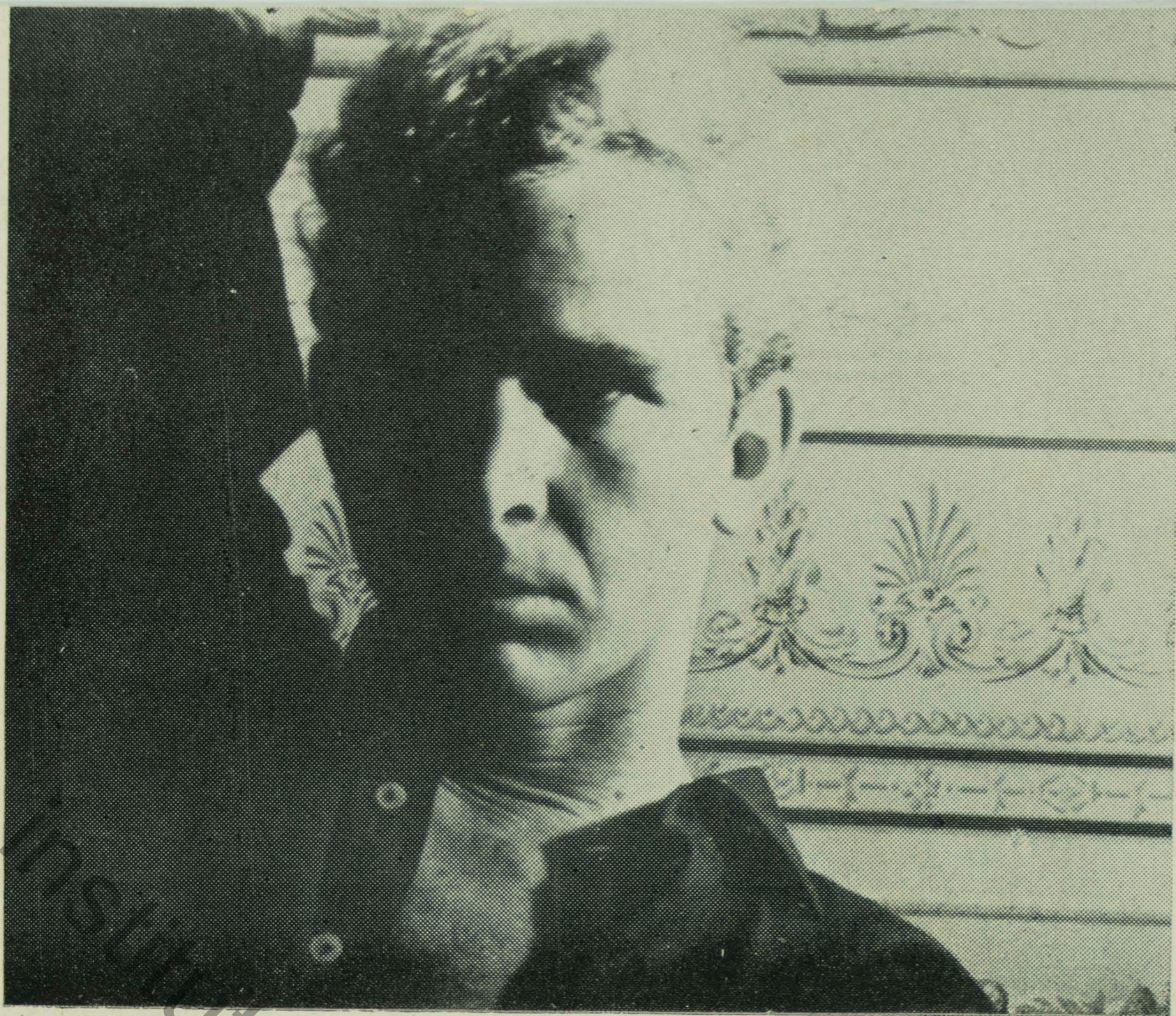
Desde algum tempo que acompanho a sua produção, sempre melhor e maior. E já manifestei-lhe minha opinião de que prefiro sua gravura à colagem e mesmo à pintura. É na gravura que parece expressar melhor seu particular modo de ser e de ver o mundo e os homens, mesmo quando ele diz que só lhe importa o resultado plástico. É gravando que Gerhard, por outro lado, contribui significativamente para o atual desenvolvimento da arte brasileira, vale dizer, para o fortalecimento de nossa vanguarda. Pois, no seu campo específico, deve ser encarado como artista de vanguarda. O que Gerhard faz é uma gravura-cartaz e não gravura-música-de-câmara. A gravura que faz é despojada, de formas simples, diretas e comunicativas, e não gravura-minúcia, gravura efeito. Gravura de grande porte, sem receio da côr (côr de rua pra se ver de longe), sem aquele abatimento preconceituoso de gravura-arte-menor. O que faz, portanto, é a única gravura capaz de atender às necessidades psicológicas, culturais e mesmo geográficas de um país de dimensões continentais, em que o fóra mais que o dentro, o vazio, mais que o cheio, a luz mais que a obscuridade, e ainda, o grito e o berro (para ser ouvido no Amazonas, na caatinga, no pampa gaúcho, no planalto goiano) e não o sussurro e o monólogo dos escritórios, é que nos próprios e tem raízes. Gerhard coloca, assim, em questão, a existência de uma gravura brasileira.

Gerhard chegou à arte pelo caminho da Pop ou do Novo Realismo. Suas colagens (que hoje largou) eram uma espécie de jornal mosaico dos acontecimentos do dia-a-dia, tudo era mostrado ao mesmo tempo tumultuadamente. Uma colagem de acontecimentos — em que o social surge aleatoriamente, simplesmente porque é uma apropriação dos detritos da realidade urbana de hoje.

Na gravura, Gerhard como que inicia um processo de descolagem, começando por destacar o homem do seu meio, quase poderíamos dizer, que ele é descolado de mosaico. É decomposto. Em suas primeiras gravuras — a série «No Tribunal» — continua o expressionista da fase Pop/Novo-Realismo. O homem, assiste ao julgamento do próprio homem. E tudo isto se reflete nos seus óculos que adquire mais e mais importância, ocupando quase todo o espaço disponível, com se fôsse uma instituição que nos escapa mas que nos olha e nos domina. Há um caráter insólito, quase kafkaniano, que não desaparece de todo, na sua série mais recente — das «Metamorfoses» — e é isto que o público da PG verá — mas nelas, o que importa é propriamente o tratamento dado à forma. Julgado, o homem se metamorfoseia diante de si e do mundo. Sua transformação é contínua, não cessa, ele nunca mais se mostra coeso, completo, não é mais aquela estrutura linear: cabeça, tronco e membros. A cabeça se faz em muitos pedaços, os detalhes são aumentados outros perdem importância. Se antes eram os óculos, agora são apenas os vazios da órbita ocular, como se por ali tivessem passado uma bala ou foguete. De metamorfose em metamorfose o dentro irrompe no fora, e da cabeça, destampada, descolada, vasada começam a surgir sinais, setas que nada indicam ou voltam sobre si mesmas ou dela emergem nuvens (de que: fumaça, de futuras tempestades atômicas? Seria o homem a própria bomba, ele mesmo o cáos?), tudo em completa desintegração. E o homem-terno-gravata-pescoço-boca-nariz-olhos vai desaparecendo, até que, abatido, deixa sobrar apenas as setas que em tumulto desorientam e a nada levam, ou nuvens que rapidamente desaparecerão. Impossível não ver aqui e ali algumas implicações de natureza política: a lavagem cerebral, a bomba apocalíptica, etc.

Julgado o homem, ele se desintegra, até destruir-se, com o mundo. Do que sobrou, novas formas surgirão, e uma nova humanidade. É como se Gerhard tivesse completado um ciclo, que vai do pessimismo ao otimismo, da crise à construção. Em suas derradeiras gravuras, as formas como que adquirem autonomia, são por si mesmas expressivas, só querem um espaço onde habitar. Retas, círculos, retângulos, cantos duros, se harmonizam num mundo alegre e colorido, como o mundo hedonista do cartaz.

Frederico Morais



Nasceu em 3-5-36, no RIO GRANDE DO SUL
ESTUDOS iniciados em 1964, no ATELIER LIVRE DE ARTES PLÁSTICAS, com MARIA DE LOURDES NOVAES
ESTUDOU com DOMENICO LAZZARINI e IVAN SERPA no MUSEU DE ARTE MODERNA, do Rio de Janeiro

PARTICIPOU DOS SEGUINTE SALÕES:

1965 — 1.º SALÃO ESSO DE ARTISTAS JOVENS — PINTURA
SALÃO DE ANÔNIMOS DA GALERIA GEAD — PINTURA
XIV SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA — PINTURA
I SALÃO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DE CAMPINAS — PINTURA
XX SALÃO DE BELAS ARTES DE BELO HORIZONTE — PINTURA
1966 — I SALÃO DE ABRIL DA PETITE GALERIE — PINTURA E DESENHO

PRÊMIO AIR FRANCE DE PINTURA
XV SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA — DESENHO
XV SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA — PINTURA
II EXPOSIÇÃO DA JOVEM GRAVURA NACIONAL
III SALÃO DE ARTE MODERNA DO DISTRITO FEDERAL — PINTURA

I BIENAL NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS — PINTURA E GRAVURA

XXIII SALÃO PARANAENSE DE BELAS ARTES — GRAVURA
XXI SALÃO MUNICIPAL DE BELAS ARTES DE BELO HORIZONTE — PINTURA E GRAVURA

1967 — SALON COMPARAISONS — PARIS — PINTURA
I SALÃO DE DESENHO DE OURO PRÊTO
XVI SALÃO NACIONAL DE ARTE MODERNA — PINTURA E GRAVURA

XVI SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA — GRAVURA
SELECIONADO EM GRAVURA E PINTURA PARA PARTICIPAR DA IX BIENAL DE SÃO PAULO

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

1965 — GALERIA GEAD
1966 — CANTINA DO MAM
1967 — GALERIA G4

PRÊMIOS OBTIDOS:

1965 — PRÊMIO SALÃO DE ANÔNIMOS DA GALERIA GEAD
1966 — PRÊMIO AIR FRANCE DE PINTURA
I PRÊMIO — GRAVURA — XXIII SALÃO PARANAENSE DE BELAS ARTES
MENÇÃO HONROSA — PINTURA — XXI SALÃO MUNICIPAL DE BELAS ARTES DE BELO HORIZONTE
PRÊMIO DE AQUISIÇÃO — GRAVURA — I BIENAL NACIONAL DE ARTES PLÁSTICAS — BAHIA
1967 — GRANDE MEDALHA DE PRATA — GRAVURA — XVI SALÃO PAULISTA DE ARTE MODERNA